

**HUMANIDADES:
OS PARADIGMAS DA FÉ E DA RAZÃO
NA PÓS-MODERNIDADE**

José Severino da Silva (UNIGRANRIO)

cap.prof_jose@yahoo.com.br

Lúcia Inês Kronemberger Andrade (UNIGRANRIO)

lines@unigranrio.com.br

RESUMO

Este trabalho versará sobre as mudanças ocorridas no campo da fé e da razão na atualidade. Desde a Idade Média, a questão da fé e da razão vem sendo estudada por diversos pensadores, dentre eles: Santo Anselmo, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Copérnico, Galileu, Descartes, entre outros. Modelos, padrões e verdades que por séculos foram incontestáveis e imutáveis vêm se demonstrando mais flexíveis e vulneráveis a mudanças nas últimas décadas. A pós-modernidade recebe este conjunto de elementos, ora medieval em sua intransigência, ora moderna em sua transigência, com certo mal-estar, pois este debate, ainda que em plena globalização e encurtamento das distâncias em relação ao conhecimento tem muito que se discutir. Agostinho de Hipona escreve em uma de suas obras: “É preciso crer para compreender e compreender para crer” (*Contra Acadêmicos*, III 20, 43). Também a frase seguinte é citada na obra de Anselmo de Cantuária: “Porque não busco compreender a fim de crer, mas creio a fim de compreender. Pois acredito mesmo no seguinte: que não vou compreender se não crer” (*Proslogion*, c. 1). O problema que motivou buscar uma resposta, parte da seguinte indagação: como devemos conciliar fé e razão? Isto é possível? Dado o problema, ele nos leva a uma resposta que Agostinho sustenta ao dizer que a fé é precedida por certo trabalho da razão, colocando a fé como única via de acesso à verdade eterna. Nessa perspectiva, esta reflexão é de caráter teológico e filosófico, porque a fé e a razão habitam o ser humano, englobando a totalidade do conhecimento, seus sentimentos, pensamentos e a sua relação com os outros, constituindo valores que fazem aperfeiçoar sua própria existência.

Palavras-chave: Humanidades. Fé. Razão. Pós-Modernidade. Filosofia.

1. *Considerações iniciais*

Este trabalho apresenta uma reflexão acerca da fé e da razão e suas transformações na pós-modernidade, mas antes percorreremos pela história antiga, medieval, moderna e por fim, pela pós-moderna. Durante a periodização histórica elas andaram juntas, isso é fato, pois se sabe que o indivíduo é dotado de emoção e de inteligência, entretanto, por muito tempo impuseram um grande abismo entre essas duas habilidades humanas. Nota-se que durante a Pré-história e quase toda Antiguidade Clássica os fenômenos naturais eram todos atribuídos aos deuses, uma vez que, as primeiras civilizações cultuavam vários deuses, ou seja, tinham como prática religiosa o “politeísmo”¹⁷. Vale ressaltar que a partir do século IV a.C., a filosofia já respondia questões antes defendida pela mitologia. Já durante a Idade Média a prática politeísta havia se reduzido por várias questões, dentre elas, a presença marcante da filosofia desmistificando a mitologia colocando-a apenas como narrativas e alegoria de uma determinada sociedade e época história, sobretudo a Cristianismo, após o século I d.C. e a crença em um único Deus “monoteísmo”¹⁸. Na Idade Moderna, com a chegada do humanismo e conseqüentemente do iluminismo, abrem-se as portas do racionalismo crítico, do *logos*, e a mesma entra em cena colocando as questões míticas e até mesmo a fé de lado. O homem assume, então, o centro das coisas, mas isso não significa dizer, que assume o lugar de Deus, mas como criatura de Deus ocupa o seu devido lugar e espaço. A Pós-modernidade chega como um sintoma de todas estas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. A quem diga que nunca houve a modernidade, pois desde o surgimento do homem, o mesmo esteve em constante evolução no tempo e no espaço e que seguindo alguns pensadores da cultura o que existe de fato, é a falsa sensação de mudanças na humanidade. A periodização da história será analisada de uma forma muito sintetizada, pois este trabalho apenas apresenta uma reflexão acerca dos paradigmas da fé e da razão ao longo da história e suas transformações.

2. *A relação lógica entre fé e razão*

Segundo Agostinho, todo ser humano tem a capacidade de se regenerar e recomeçar tudo outra vez; para isto acontecer, é preciso crer

¹⁷ Politeísmo significa a crença em vários deuses.

¹⁸ Monoteísmo significa a crença em um único Deus.

para compreender e compreender para crer. Todo aquele que crer expressa a sua totalidade e a esperança em Deus. Feito e refeito esse caminho, surge a graça que só é possível porque Deus é bom. Agostinho vivenciou as grandes contradições humanas de seu tempo; superando-se, foi reconhecido como o último dos filósofos da Antiguidade e o primeiro dos modernos pelos historiadores da filosofia. Foi também consagrado o maior da Igreja Cristã primitiva devido às teorias que formulou.

O problema que nos motivou buscar uma resposta é: como devemos conciliar fé e razão? Isto é possível? Julgamos interessante tratar desse tema enfocando esses dois aspectos para explicitarmos a dimensão da conversão que se revela em Agostinho. Entretanto, o credo não se reduz somente a isso. É uma progressão qualitativa que se constitui em fases. Para crer é necessário ao ser humano reconhecer, acreditar e ter a graça dada por Deus.

Dado o problema, ele nos leva a uma resposta que, a partir de nossas assertivas, se configura no liame a ser definido: para Agostinho ainda que as verdades da fé não sejam demonstráveis, isto é, passíveis de prova, é possível demonstrar o acerto de se crer, e essa tarefa cabe à razão. Agostinho sustentava que a fé é precedida por certo trabalho da razão, colocando a fé como única via de acesso à verdade eterna. A filosofia é, para ele, apenas um instrumento que auxilia a teologia, destinada a sistematizar a doutrina fundamental da Igreja Católica.

A nossa reflexão é de caráter teológico e filosófico, porque a fé e a razão habitam o ser humano, englobando a totalidade do conhecimento, seus sentimentos, pensamentos e a sua relação com os outros, constituindo valores que fazem aperfeiçoar sua existência.

Além da análise filosófica, para a compreensão do fenômeno da fé, faz-se necessária também a análise teológica, porque somente assim a fé concretiza-se como plenitude do ser, pois está além do aspecto científico e é algo existente na alma do indivíduo, transcendente, que não se pode provar por leis físicas, porém é possível por meio de um discurso metafísico sobre o ser humano, indagando sobre o que existe para além do seu ser físico.

A relevância do tema está no fato de tratarmos de uma relação possível entre dois campos do conhecimento: *filosofia* e *teologia*, o primeiro fundamentado na razão humana e o segundo na fé, mas também na razão. Partimos da razão no plano lógico, com o objetivo de elevá-lo à dimensão de plenitude por meio da fé, ou seja, ao plano metafísico.

Quando estudamos a concepção de fé e razão em Agostinho percebemos um modo de pensar e sentir muito característico e pessoal.

Assim como fé consiste em buscar e entender o que não se pode ver, a inteligência consiste em encontrar de forma lógica e racional o que se pode ver. Logo, a inteligência é a recompensa da fé. Pois ambas provêm de Deus. “Sem dúvida, um certo trabalho da razão deve preceder o assentimento às verdades de fé; muito embora estas nos sejam demonstráveis, pode-se demonstrar que convém crer nelas, e é a razão que se encarrega disso” (GILSON, 1995, p. 144). Para Agostinho a razão precede a fé e consiste em mostrar, provar e argumentar com pertinência os conteúdos da fé. Agostinho buscava uma religião que fosse expressão da sua razão. No célebre *Sermão 43*, expressa numa fórmula solene a respeito da dupla atividade da razão: *compreender para crer, crer para compreender*. O *Sermão 43* resume essa dupla atividade da razão numa fórmula perfeita: compreender para crer, crê para compreender. Ou seja, compreendendo o que se deve crer, cremos; crendo, logo podemos entender.

Na verdade devemos crer para conhecer e não esperarmos conhecer para cremos.

[...] há uma intervenção da razão que precede a fé, mas a uma segunda, que a segue. Baseando-se numa tradução, aliás incorreta, de um texto de Isaías pelos Setenta, Agostinho não se cansa de repetir: *Nisi credidritis, non intelligetis*. Há que aceitar pela fé as verdades que Deus revela se quiser adquirir em seguida alguma inteligência delas, que será a inteligência do conteúdo da fé acessível ao homem neste mundo. (*Apud* GILSON, 1995, p. 144, in: ANTI-SERI, 2005, p. 105)

Parafraseando Agostinho, não há como o sujeito chegar ao conhecimento da verdade ou em sua mais pura racionalidade, senão percorrer antes pela fé é só através dela que o homem mundano pode adquirir alguma inteligência. Ora será que ao longo da história esta teoria será preservada, Vale ressaltar, que este pensamento corresponde aos anos 30 do século V a.C., como esta fé é hoje interpretada? Quais foram as mudanças sofridas ao longo dos últimos quinze séculos? Em suma, ao longo deste trabalho será analisado alguns paradigmas da ciência e da fé.

Santo Agostinho, desde cedo, valorizou a pesquisa científica e intelectual. Escreveu uma extensa literatura e defendeu a conciliação entre fé e razão. A relação lógica entre fé e razão pode ser apresentada de várias formas. Existem várias correntes e teorias que fundamentam e defendem a possibilidade de alcançar o conhecimento, dentre elas estão: o racionalismo que é baseado nos princípios da busca da certeza e da de-

monstração, sustentados por um conhecimento a priori, ou seja, conhecimentos que não vêm da experiência e são elaborados somente pela razão; e o fideísmo doutrina religiosa que prega que as verdades metafísicas, morais e religiosas são inalcançáveis através da razão, e só será compreendido por intermédio da fé, entre outras.

3. Periodização histórica e seus paradigmas

A *Pré-história* é o período que corresponde do surgimento do Homem na Terra até cerca de 4000 a.C., neste período todos os fenômenos naturais eram atribuídos aos deuses, o politeísmo era predominante e toda a verdade era atribuída ao sobrenatural, tudo era revelado por uma inspiração divina. Os deuses eram considerados responsáveis por todos os fenômenos naturais e a população acreditava cegamente na ligação entre estes acontecimentos e os deuses. Os mitos caracterizam este período histórico. Em sua obra: *Pensamento sistêmico: novo paradigma da ciência*. Vasconcellos ressalta que, o mito ou *mythos* é uma forma de conhecimento inspirada pelos deuses, sem preocupação de colocá-lo à prova, as narrativas também retratam bem esta época. No final da antiguidade os mitos perdem espaço para o *logos* a razão, a ciência e suas verdades. O período que se compreende de cerca de 4000 a.C. até 476 d. C., caracterizou-se pela abordagem racional e filosófica das coisas, sejam por meio, dos discursos ou por meio de demonstrações. Ou seja, a racionalidade assumia seu espaço. As principais consequências foram: a negação do sensível, a submissão à razão, a exclusão da subjetividade entre outras coisas mais. Neste sentido, a busca de verdade se dá pela razão, pela experimentação, dedução e indução. A descoberta da razão ou do *logos* significou o grande avanço da humanidade. Fé e razão formam um casamento perfeito.

A fé ilumina a razão. Para Agostinho, a razão começou com a fé. "Acredite e você vai entender" foi o princípio de funcionamento de tudo. Ele entendeu que muito do que é chamado de "raciocínio" é realmente baseada na autoridade. Agostinho acreditava que todo conhecimento é baseado na autoridade e que não havia nenhuma autoridade maior do que Deus e da revelação, isto é, especialmente a autoridade da Sagrada Escritura, mas também a tradição e a prática da Igreja Universal¹⁹.

19

Agostinho foi e é considerado atualmente um dos maiores doutores da Igreja Cristã e em plena Idade Média escreveu como ninguém a respeito da fé e da razão apresentado a possibilidade de uma relação amigável independente, mas harmônica entre elas. Ele acreditava que existem dois tipos de conhecimento um deles é baseado na crença ou fé e outro se baseia em coisas observadas (razão) e é chamado de compreensão. Conhecimento baseado na fé vem de Deus, que sempre tem uma autoridade que o conhecimento baseado na razão não pode possuir²⁰.

Segundo Agostinho, o conhecimento, baseado na razão, seria simplesmente aumentar seu conhecimento baseado na fé. Além do mais, para a Igreja moderna, que depende tão fortemente dele, a razão e a fé nunca estão em rota de colisão. E a fé em si é uma viagem. Como ele notou no *Sermão 27*, 6: "No momento, ainda estamos na estrada. Qual é a estrada? É a fé."²¹

A *Idade Média* durou basicamente 1.000 anos e durante todo esse período histórico a Igreja Católica centralizou todos os poderes em suas mãos e o paradigma passou a ser a fé e a razão. Na Idade Média, do século IV ao século XIII, surge a teoria do conhecimento, ou seja, a busca incessante pela verdade. Vale ressaltar, que a Igreja detinha o monopólio do conhecimento científico e cultural em geral, mas como a Igreja Católica era também a principal Instituição e sustentava como substância primordial de todas as coisas o Criador, o próprio Deus, o Sumo Bem. Nesta perspectiva, o homem passou a ser entendido como uma das criaturas de Deus e essa verdade poderia ser encontrada na *Sagrada Escritura* por intermédio da fé. A verdade da razão era a verdade da fé, a fé precedia a razão. Aurélio Agostinho, mais conhecido como Santo Agostinho nascido no ano 354 depois de Cristo é um dos principais defensores da conciliação entre a fé e a razão.

A *Idade Moderna* durou basicamente 336 anos e o paradigma da modernidade passou a ser a razão crítica e filosófica. A racionalização ocupou o seu devido espaço e uma série de acontecimentos e transformações econômicas, sociais e políticas, contribuíram para tais mudanças. Sobre os aspectos culturais vimos o renascimento cultural, sobre os aspectos políticos vimos o surgimento dos estados nacionais absolutistas e sobre os aspectos econômicos vimos o capitalismo comercial, configu-

20

21

rando uma nova fase histórica, na qual chamamos de *Modernidade*. O fim do feudalismo, os movimentos religiosos, os movimentos sociais, as transformações de caráter intelectual ou de observação dos fatos, que agora, incluem o ceticismo, faz com que a Europa enfrente uma crise, genuína dessas transformações. No meio dessa “crise” da *Idade Moderna* (século XV e XVI), surge um forte desenvolvimento cultural batizado de *Renascimento*, cujas raízes se encontram nas novas condições sociais e econômicas da Europa nesse período. O desenvolvimento da burguesia e do comércio nas cidades foi um importante elemento propulsor da produção intelectual. O *Renascimento* propõe a valorização da capacidade humana de conhecer e transformar a realidade e centra na capacidade humana o método científico para chegar ao conhecimento e chegar a novas descobertas. Também, é com o *Renascimento*, que o homem se coloca como centro do mundo, com o ‘controle’ da natureza em geral para o seu próprio benefício.

4. Paradigmas da Pós-modernidade

A pós-modernidade e sua expressão ainda é repleta de contradições em seu significado. Muitos têm grandes resistências ao prefixo. Vejam alguns pensadores da cultura apresentando seus conceitos a respeito dessa era: P. Libanio, *Modernidade avançada*; Giddens, *Radicalização da modernidade*; Jamesson, *Capitalismo tardio*; Edgar Morin, *Ultra-modernidade*; Baudrillard, *Era do simulacro*; Lypovetsky, *Era do vazio*; Bauman, *Modernidade líquida*, entre outros. Nessa perspectiva, percebe-se que a pós-modernidade é cheia de controvérsias, angústias e incertezas.

A Idade Contemporânea ou a Pós-modernidade se apresenta como fruto ou resultado da industrialização, dos movimentos sociais, da globalização, dos avanços tecnológicos, do capitalismo excludente e do consumo desenfreado. Estes fatos históricos têm causado um mal-estar na sociedade desde a Primeira Revolução Industrial, passando pela Revolução Francesa, pela Grande Guerra Mundial, pela Guerra Fria e por conflitos internacionais após a década de 1980 até os dias atuais. Estes conflitos afetaram os relacionamentos sociais e a própria convivência humana. As incertezas causadas pelas guerras e conflitos étnicos tornaram a humanidade cada vez mais desconfiada e fria em relação a vida e ao meio em que se vive. O mundo repleto de incertezas, contradições, paradoxos, conflitos e desafios leva o convívio social a um estado de guerra onde o

sujeito não si reconhece como membro da própria sociedade em que vive e que este conflito interno de não aceitação de si mesmo termina contribuindo para que o mesmo não reconheça o outro também como sujeito e membro do próprio grupo. Estes danos são irreparáveis e a sociedade em meio a este conflito que termina buscando alternativas para lidar com tantas transformações em seu seio. Nesta perspectiva, percebe-se que as estruturas sociais sofrem deslocamentos e se subdividem o tempo inteiro gerando um mal-estar social.

A quem diga que Max Weber projetou a modernidade, como o desencantamento do mundo, quando ele analisou a sociedade ocidental e as complexidades do seu tempo. Isto implica uma virada epistemológica, na qual segundo ele, a supremacia está no saber dos homens. Neste contexto, emerge-se a cultura antropocêntrica e secular que deposita na razão humana uma excessiva confiança. Esta razão revestida da capacidade emancipatória do homem torna o próprio homem um perigo pra si mesmo. A escola de Frankfurt questiona o “projeto moderno” por não acreditar no êxito emancipatório do homem, tecendo uma dura crítica a razão iluminista. Na qual segundo eles, contemporâneos, defendiam a tese que o progresso apregoado pelas ciências e técnicas não conseguiam gerar um homem emancipado em sua plenitude racional. Ou seja, este progresso, apenas tornaria o mundo mais inseguro, instável e vazio.

Na atualidade a construção do conhecimento não só ocorre pelas vias das faces da razão, mas também pelas faces das emoções, dos sentimentos, das intuições e das deduções. Em suma, as estruturas do funcionamento da sociedade precisam ser direcionadas a transdisciplinaridade. Pois a hibridação é inevitável. Segundo Edgar Morin (2002), para compreender o novo paradigma, torna-se necessário um pensar mais abrangente, multidimensional, contextualizado e multidisciplinar.

Segundo Adorno e Horkheimer na dialética do esclarecimento – da calculabilidade e do mundo administrado, a razão converteu-se num mito, onde esta esqueceu a exigência de pensar o pensamento, consequentemente ela não fez o homem ser mais humano. A razão nesta fase, já não responde mais questões atuais, principalmente as questões científicas em sua maioria. A pós-modernidade não nega a modernidade, tampouco suas verdades temporais; antes, celebra suas conquistas híbridas, e multiagregando valores indispensáveis, mas limitadas levando as culturas a mergulharem em profundas crises identitárias e interétnicas com os valores monetários mercadológicos se sobrepondo a vida e aos valores morais existentes em nossa sociedade fragilizada e desequilibrada estrutu-

ralmente. Nesta fase histórica a razão é comprável de uma forma impiedosa, pois em sua maioria os centros acadêmicos pensam em números, em crescimento econômico e patrimonial, enquanto o mais importante “o conhecimento” passa a ser vendido como um produto perdendo sua principal essência. Diante de tantas distorções existentes nesta sociedade pós-moderna, fria e individualista a felicidade é reduzida a falso prazer.

Somada a tantas mudanças nas relações humanas o avanço tecnológico chegou para problematizar ainda mais estas relações, visto que o tempo e o espaço contraem-se a todo o momento. A esta sensação de simultaneidade e de representação das coisas em tempo real pelo viés da internet torna o indivíduo refém do seu tempo, pois esta falsa sensação de presença mediatizada pelas imagens limita em alguns casos suas limitações racionais e de interação social. O conceito de simulacro e de simulações, do real e do virtual foi muito bem construído por Baudrillard, onde segundo ele os aviões indicam por um lado um grande benefício para humanidade como também indica uma perda da noção de espaço e tempo, além de paradoxos econômicos e sociais.

Na pós-modernidade a ideia de progresso, da técnica e os fragmentos das relações sociais coisifica cada vez mais o indivíduo. O homem tende a se isolar internamente e socialmente. A fé e a razão são polarizadas em pessoas sedentas e ameaçadas pelas inúmeras possibilidades e impossibilidades.

Se razão e fé voltarem a estar unidas numa forma nova; se superarmos a limitação auto decretada da razão ao que é verificável na experiência, e lhe abrirmos de novo toda a sua amplitude. Neste sentido, a teologia não só enquanto disciplina histórica e humano-científica, mas como verdadeira e própria teologia, ou seja, como indagadora da razão da fé, deve ter o seu lugar na universidade e no amplo diálogo das ciências. (PAPA BENTO XVI, Aula Magna da Universidade de Regensburg, 12-set-2006).

Aqui não busco conciliar a fé e a razão, mas reforçar a difícil harmonia entre a razão e a fé ao longo da história da humanidade, apesar de andarem juntas e de uma completar a outras elas caminhos por estradas distintas. Segundo o Papa Bento XVI, uma nova onda de iluminismo e laicismo, onde só seria racionalmente válido o que é experimentável e calculável acaba afastando o homem cada vez mais da sua própria humanidade.

A fé na pós-modernidade é também representada como um produto de consumo, pois assim é vendida, porque há quem compre e há quem consome. O projeto de sociedade nos dias atuais está ancorado em bens

finitos, quando na verdade este projeto deveria estar ancorado em bens infinitos. Nessa perspectiva, a frustração humana se dá pelo fato dos bens finitos serem finitos, e nesse caso o desejo é infinito. Dessa forma, o desejo não encontra a plena satisfação, pois infelizmente há quem compre simulacros, pois é facilmente encontrado numa sociedade midiaticizada pelo mercado. O mercado reconhece a necessidade do ser humano a respeito da fé, pois busca da pior forma possível a sensação de prazer e de contemplação. Esta perda de sentido leva o indivíduo a um estado de anomia e de vazio existencial. Esta é a sociedade do consumo, egoísta, alienada e individualista.

5. *Considerações finais*

Em sua obra *Origens da Pós-Modernidade*, Perry Anderson explica que a ideia de um “Pós-Modernismo” teria surgido pela primeira vez na década de 1930, no mundo hispânico, uma geração antes do seu aparecimento na Inglaterra ou nos Estados Unidos. A primeira abordagem filosófica, segundo Anderson, aconteceu em 1979, em *A Condição Pós-Moderna*, de J. F. Lyotard, onde o autor ressalta que estaríamos vivendo um momento histórico conturbado, incerto que não só a filosofia da história, mas também a razão, a subjetividade, os valores e as identidades se tornariam ambíguas. Nesta perspectiva, percebe-se que todos estes acontecimentos seriam responsáveis pelas mudanças do estatuto do saber nas sociedades pós-industriais ou da informação e que o saber científico e religioso estaria totalmente ligado e interligado ao discurso. A fonologia e as

linguísticas, os problemas da comunicação e a cibernética, as matemáticas modernas e a informática, os computadores e suas linguagens, os problemas de tradução das linguagens e busca de compatibilidades entre linguagens-máquinas, os problemas de memorização e os bancos de dados, a telemática e a instalação de terminais “inteligentes”, a paradoxologia eis aí algumas provas evidentes, e a lista não é exaustiva. (ANDERSON, 1999).

Na pós-modernidade tanto a fé quanto a razão são ainda objetos de estudos não só por teólogos como também por filósofos e historiadores. No início da periodização histórica percebeu-se que a razão era iluminada pela fé, pois sem ela ninguém consegue alcançar seu objetivo último ‘a Verdade’, que em última instância é Deus. E a fé não pode crescer se não for alimentada pelo intelecto. Logo, Fé e Razão não podem contradizer-se, pois foram ambas criadas por Deus. A razão não responde todas as questões levantadas, pois é limitada, a fé pode alcançar algo

mais, pois está além do intelecto humano, numa posição mais elevada. A fé precede a razão, pois nenhum conhecimento chega ao intelecto sem antes passar pelos sentidos, o ser humano jamais alcançará o fim da estrada sem antes percorrê-la. No entanto, há verdades que a razão não pode alcançar então se concilia à fé, que estende sua mão para que a razão possa enxergá-la. Apesar das mudanças e transformações da sociedade como um todo, das lacunas que a própria ciência ainda não conseguiu preencher ou responder e das mudanças paradigmáticas ao longo da história da humanidade a fé seja ela antiga, medieval, moderna ou pós-moderna será a mesma, mesmo sabendo que parte de uma sociedade consumista a veja como um produto mercadológico, ou seja, algo que se compra em sua essência como já dizia Santo Agostinho acreditar é crer naquilo que não vê, e ainda diz: a razão começou com a fé. "Acredite e você vai entender"²².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad.: Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ANDERSON, Perry. *As origens da Pós-Modernidade*. Trad.: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da filosofia*: antiguidade e idade média. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

_____; _____. *História da filosofia*: Patrística e Escolástica. Trad.: Ivo Storniolo. Ver.: Zolferino Tonon. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005

AQUINO, Felipe. *Ciência e fé em harmonia*. 1. ed. São Paulo: Cléofas, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. Zahar, 1998.

_____. *Modernidade líquida*: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1993.

BENTO XVI. *Fé, razão e universidade*: recordações e reflexões. (Aula Magna da Universidade de Regensburg), 12 de setembro de 2006. Disponível em:

<http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg_po.html>.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Paulus, 1991.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARDOSO, Clodoaldo. *A canção da inteireza*: uma visão holística da educação. São Paulo: Summus, 1995.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Santo Agostinho*: um gênio intelectual a serviço da fé. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GILSON, Etienne. *A filosofia na idade média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes 1995.

JAMESSON, Frederic. *Pós-modernismo*: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

JASPERS, Karl. Os grandes filósofos. In: ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da filosofia*: Antiguidade e Idade Média. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1991. (Col. Filosofia).

JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Fides et Ratio*. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

KOEHLER, Henrique. *Dicionário escolar latino-português*. 7. ed. Porto Alegre: Globo, 1957.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 16. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LIBANIO, João Batista. *Deus e os homens*: os seus caminhos. Petrópolis: Vozes, 1996.

LYOTARD, Jean-François. *A condição Pós-moderna*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 3-10.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- LYPOVETSKY, Gilles. *La era del vacío*. Barcelona: Anagrama, 1990.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- NOVAES, Moacyr, Nota sobre o problema da Universidade em Agostinho, do ponto de vista da relação entre fé e razão. *Cadernos História da Filosofia e Ciência*. Campinas: Unicamp, 1997, 7 vol., nº 2.
- SESÉ, Bernard. *Agostinho, o convertido*. 6. ed. Trad.: Magno Vilela. São Paulo: Paulinas, 2007.
- VASCONCELLOS, Maria José Esteves. *Pensamento sistêmico: novo paradigma da ciência*. Campinas: Papyrus, 2002.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1992.